

A desconstrução da palavra

Considerado um dos maiores poetas brasileiros da atualidade, Manoel de Barros se considera um inventor de palavras, seus "objetos sonhantes"

Ana Accioly

Aos 77 anos, com mais 50 de marginalidade na poesia, Manoel de Barros é reconhecido nos meios literários e universitários como um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, mas ainda pouco conhecido do grande público.

Até a finalização do *Livro das ignoranças*, em 1993, ele passou, como nos outros dez que já publicou, pelo mesmo período de angústias e incertezas. Nessas ocasiões, o poeta garante ficar "casmurro e cascudo, dominado pelo diabo, um sofrimento só".

O poeta tem admiradores ilustres, como o filólogo Antonio Houaiss que, no prefácio de *Arranjos para assobio*, diz que os poemas de Manoel possuem "uma originalidade dificilmente encontrada na poesia universal".

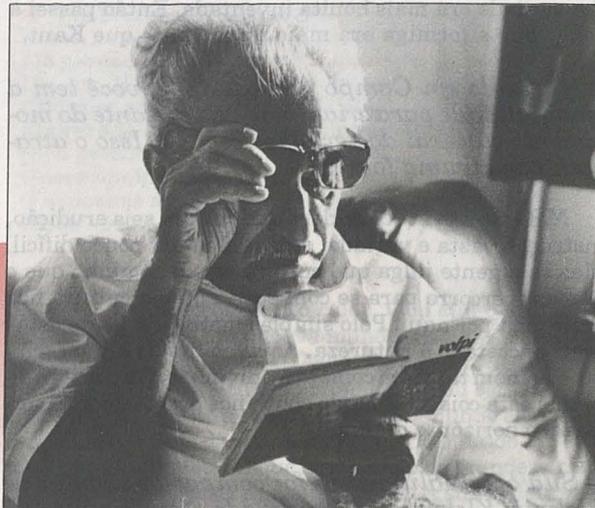
Cinquenta e seis anos após a publicação do primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, Manoel ficou muito feliz com a homenagem de um de seus admiradores: o empresário e colecionador de livros raros José Mindlin, que publicou, em novembro de 1993, uma edição especial do *Livro das ignoranças*, com apenas 300 exemplares.

Em entrevista a *cadernos do terceiro mundo*, Manoel de Barros fala do seu método de criação e afirma ser mais um inventor de palavras do que um poeta.

■ *Como é possível saber quando o livro está realmente pronto para ser publicado?*

MB – Ninguém sabe muito do seu fazer poético. Eu sei muito menos. Tudo se forma antes de mim. Não sei como as palavras atravessam as ancestralidades fósseis para chegar ao hoje. Sei que o poema vai se montando no papel. Eu monto e remonto palavras conforme o cheiro, o paladar e o som delas. Palavra do poeta tem que estar entorpecida, gorda. Para escorrer substantivo verbal. Eu desprezo as palavras solenes e as sublimes. Uso as que me são. Vou montando e remontando até conse-

Foto: Ana Accioly



guir a ressonância de mim nas sílabas. Mas nunca sei quando meu livro está nos trinques. Eu sou analfabeto para certezas.

■ *Em O quadrador de águas, você dizia estar dando "mais um passo em direção ao silêncio": as águas estavam contidas. No Livro das ignoranças, os delírios de Apuleio, canoieiro perdido numa grande inundação no Pantanal, se juntam às águas e tomam conta do chão. O que aconteceu?*

MB – Desaprender oito horas por dia ensina os princípios. Antesmente do verbo, a ignorância estava. No penúltimo livro meu havia um ancião que morava na árvore e dizia coisas malucas como "eu vi o êxtase do cisco". Os delírios do homem que está no alto da enchente agora, e só vê a fronteira do céu, se escoram mais nas vidências do que no ver. Estou buscando os deslimites da palavra. Penso que não desprezei as insignificâncias do chão. "Passa um galho de pau movido a borboleta"; esse não é um ver direto mas um transver. Eu só tinha as lembranças para ver. Eu queria tirar do desolo de um canoieiro perdido as suas impurezas de linguagem e alguns delírios frásicos.

■ *O que atrai você para as coisas sem importância?*

MB – O que me atrai para as coisas desimportantes é a importância delas. Fazer crescer o ínfimo não tem tamanho. O caminho é sem rumo. Primeiro a gente se dana a estudar. Quer obter cultura. Chegamos a pensar que Kant é mais importante que uma formiga. Eu fui um sujeito estudado. Ia de Kant às formigas. Mas eu buscava o ouro do saber no filósofo. Um dia descobri o meu ninguém. Não me deixei agarrar pelas ciências, pela quântica, pelos computadores. E comecei a produzir concuscipências e ignorâncias: passei a inventar palavras. A liberdade absoluta era não ser ninguém.

E a verdade era mais bonita inventada. Então passei a achar que a formiga era mais importante que Kant.

■ *Morando em Campo Grande (MS) você tem a tranquilidade para criar, mas fica distante do movimento cultural dos grandes centros. Isso o atrapalha de alguma forma?*

MB – Se a gente considera que cultura seja erudição, instrução vasta e variada, a coisa fica um pouco difícil. Mas se a gente julga que cultura seja o caminho que o homem percorre para se conhecer, então a cultura fica mais fácil por aqui. Pelo simples motivo da gente estar mais encostado à natureza. Aqui, ao fim de algum tempo, o homem também começa a adivinhar. Ontem eu adivinhei esta coisa: “Quando chove nos braços de uma formiga, o horizonte diminui.”

■ *Sua originalidade já foi comparada com a de Velimir Klebnikov, considerado o poeta mais original da Europa neste século. Ela é produto de sua infância no Pantanal, tão diferente dos centros urbanos? Qual é o segredo?*

MB – Não creio que a originalidade de um texto venha do lugar onde o autor nasceu ou tenha vivido. A infância que passei no Pantanal deixou em mim um lastro, é claro. Sou um depósito daquelas coisinhas do meu quintal, que se misturavam ao mesmo tempo às outras coisinhas dos meus armazenamentos ancestrais. Minha poesia há de ser um pouco o resultado dessa mistura, e mais o meu instinto lingüístico. Sempre acho que seja mais importante para um estilo o gen que gerou o poeta do que o quintal em que brincou. No caso da originalidade é ainda importante o gosto esquisito que tenho pelas doenças da linguagem antes que pela saúde dela. Gosto mais das sintaxes de exceção, da fala dos tontos, dos erros anônimos. Sou um sujeito inconfiável: tem horas leio avencas, tem horas Proust.

■ *A sua “Estética da Ordinarietàade” continua sendo uma constante em sua obra. Você é comparado a São Francisco de Assis. Por humildade ou orgulho?*

MB – São Francisco só queria o “apagamento”. Eu, no fundo, quero a glória. Não tenho competências pra ser ninguém. O que eu faço é me esconder por trás da humildade. É isso que o orgulho maior. O que eu sou é quase um praticante de charlatanismo, igual ao personagem de Dosztoiewski, cuja ação era derramar o nada no vácuo.

Quanto à minha “Estética da Ordinarietàade”, penso que ela acompanha o gosto do século XX. Estão aí os desheróis, os anti-heróis tomando conta de toda a sensibilidade moderna. Estão aí os Carlitos, os Riobaldos, as

Etelvinas, a barata de Kafka. Fazer o desprezível ser prezado é coisa do meu tempo.

■ *O silêncio da crítica o incomoda? E à sua poesia?*

MB – Bem que eu sou culpado de algum silêncio até. Eu escrevo com amor e irresponsabilidade. Sou irresponsável de mim. A desfortuna crítica me incomoda, sim. Temo que por ser a minha poesia tão boca própria, ela não alcance mais que a minha tribo. Temo que não ande além do meu quintal.

Eu gostaria de ser mais reparado como um inventor do que como um poeta. Eu inventei, entre outros objetos cantantes, o alicate cremoso, o abridor de amanhecer, o homem adequado à lata, uma fivela de prender silêncio, o canto em forma de asa. Queria ser visto como um artesão menor. Um fazedor de inutensílios. O olhar de um poeta é sem princípios. A coisa muito lógica o embaça. Assim é: e hará de ser assim.

■ *Você afirma que sua independência tem algemas, mas diz, com a maior liberdade: “ouço o tamanho oblíquo de uma folha”, ou “não sei mais calcular a cor das horas...”*

MB – Tenho um prazer imenso de atrapalhar as significâncias. Uso fazer-me promíscuo das folhas, das pedras, dos sapos, das águas, das estrelas. São misturamentos de metamorfoses. Os povos primitivos adquirem tanta intimidade com a natureza que sabem chamar as coisas pelo cheiro, pelo formato, pelo som do olho etc. Há entre eles uma completa desordem dos sentidos.

A gente precisa de desconhecer tudo de novo. Temos de botar um olho virgem nas coisas. Preciso do auxílio de uma criança para me desconhecer. Eis por que posso ouvir o tamanho oblíquo de uma folha. A razão me descompleta. A algema seria a estratificação sintática e semântica da linguagem. Para fugir da algema preciso da sensatez do absurdo. A gente não marca desencontros?

■ *Você disse que a poesia é um “inutensílio”. É a inutilidade da poesia ou a inutilidade da abstração?*

MB – Poesia é a virtude do inútil. É um objeto sonhante. É igual a um caneco furado que não segura água, mas serve para guardar besouros abstêmios, mosca frita, lírios. Assim o caneco furado vence o poder de não prestar, vira um objeto sonhante: um inutensílio.

Um meu parente afastado, violeiro de rua, Neco Caolho, se dizia um ser inútil, um traste, igual ao caneco furado. Dentro dele também havia besouros abstêmios, horas fagueiras, canções.

Andando devagar, ele atrasava o fim do dia. Talvez

“Poesia
não é para
compreender,
mas para
incorporar”

Dois poemas de Manoel

● “Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Inclino a fala para uma oração.
Tem um cheiro de malva esta manhã.
Hão de nascer tomilhos em meus sinos.
(Existe um tom de mim no anteceder?)
Não tenho mecanismos para santo.
Palavra que eu uso me inclui nela.
Este horizonte usa um tom de paz.
Aqui a aranha não denigre o orvalho.”

● “Um besouro se agita no sangue do poente.
Estou irresponsável de meu rumo.
Me parece que a hora está mais cega.
Um fim de mar colore os horizontes.
Cheiroso som de asas vem do sul.
Eis varado de abril um matim-pescador!
(Sou pessoa aprovada para nadas?)
Quero apalpar o meu ego até gozar em mim.
O açucenas arregaçadas.
Estou só e socó.”

por sua virtude de ser inútil prosperasse em sabedoria. Perder o nada é um empobrecimento, ele dizia. A voz de um cantor tem que chegar ao nada para ter grandeza. Neco esculpia em água de cor.

■ *Como foi o seu encontro com Guimarães Rosa quando ele esteve em Mato Grosso?*

MB – Por impulso de admiração, peguei em Porto Esperança o vapor *Fernandes Vieira* que levaria o Rosa até Corumbá, pelo rio Paraguai. Manhãzinha, outro dia, um vento macio e alvo soprava. Rosa saíra cedo do camarote. Estava sentado no tombadilho tomando fresca. Do bolso de paisagem borboletas queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas escaparam.

O corpo do vapor quase tocava nas árvores do barranco. Dava pra ver um rancho amanhecendo. Dava pra ver um curral de bezerros, um homem e um menino parados. O menino mijava na cara de uma abelha. Dava pra ver até sem óculos.

Eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. Uma anhumia rasou por cima de nós tocando fagote. Eu disse para o Rosa ouvir: o canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Quer dizer que essa anhumia diminui a manhã?, perguntou. Eu disse: um homem que não tem ensino me ensinou. Esse homem se chamou Andaleço e trabalhou muitos anos para aprender só o que não tem tino. Obscuridade coerente do povo, disse Rosa. Exuberâncias de nadas, eu disse. Vai daí começamos a prosear lourenço.

Agora rasou um tuiuíú fazendo vento e barulhos. Rosa falou: Tu- you-you é mais importante nos seus pronomes do que no seu tamanho de crescer. Marquei isso com os ouvidos. Os nomes para ele eram mais importantes do que a coisa nomeada. Só via o corpo da palavra. Prestei atenção de coruja.

Coração de vespa não arfa, Manoel. Arfar não estava de graça ali. Pois que também é um termo náutico. Isso eu aprendi.

Perguntou-me depois sobre a noite, esse João. Se eu

houvera dormido com tanto calor. Que sim e muito sonhara. Sonhei que amontoava milhões de latas enferrujadas no fundo de um quintal. Acho que o monte de latas enferrujadas ficou da altura do Himalaia. E eu estava lá em cima, no pico do alto e só queria ver se o mundo estava inteiro. Logo no meio das latas, do seu fundo imundo, cresceu uma pequena violeta. O que ainda resta de grandeza para nós, Rosa disse, são as coisas pequenas. A sua violeta veio do insondável. Certa brisa espalhava para nós uma voz quase azul.

Ficamos conversando de prenúncios naquele tombadilho. Ele disse: e a luz arborizada pelos pássaros, de onde vem? Vem de insondáveis. Conversamos nessa língua horas e horas. Pensei mais tarde em recompor essas conversas. Estou fazendo um livro que se chamará *No sertão do pantanal: conversamentos com J. Guimarães Rosa*.

■ *Em seu auto-retrato, você diz que se sente como que desonrado quando publica um livro e foge para o Pantanal. Você se esconde no Pantanal ou é onde encontra mais matéria de poesia?*

MB – Fujo de ser por mim pego morto de medo. Parece que eu pratiquei um crime de ser preso quando publico um livro. Essa marca ficou-me por educação. Se dizia que a gente deve de ser sério, trabalhador etc. Passei muitos anos para descobrir o que era ser sério.

Não boto confiança no que faço. Penso que faço uma enganação. O embrião de onde me cresço é o culpado, pela insegurança e tudo o mais que o medo de mim encerra. Mas eu sei dosar isso com palavras. A tal ponto que pensam que eu sou humilde. Mas não. Eu tenho muito orgulho de meu texto. E gosto secretamente de ser lido, e mais: gosto de ser amado através de minha poesia.

Quanto a buscar matéria de poesia no Pantanal, isso não existe. A gente estava ali na terra desde pequeno e tudo ficou pregado na alma. Isso tudo ficou dentro da criança e está dentro do homem. O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. Eu esperava a manhã soltar as formigas para brincar com elas. Agora a lembrança revê. Mas só a transfiguração dessas lembranças através da linguagem poderá me dar poesia. Assim seja. ■

“Sempre
tive um
relacionamento
voluptuoso
com a palavra”

